



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Fernando Cesar da Silva

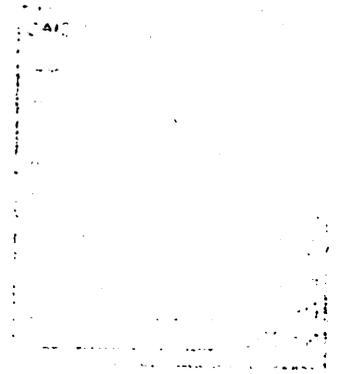
Advento das Massas:

**Um Olhar às obras de José Ortega Y GASSET (1987) em “A
Rebelião das Massas” e Jean BAUDRILLARD (1985) em “À
Sombra das Maiorias Silenciosas – O Fim do Social e o Surgimento
das Massas”**

Campinas

2008

Fernando Cesar da Silva



Advento das Massas:

Um Olhar às obras de José Ortega Y GASSET (1987) em “A Rebelião das Massas” e Jean BAUDRILLARD (1985) em “À Sombra das Maiorias Silenciosas – O Fim do Social e o Surgimento das Massas”

Monografia apresentada ao Instituto de Geociências
da UNICAMP como requisito parcial para obtenção
do título de bacharel em Geografia

Orientador:

Prof.^a Dr.^a Silvia F. de M. Figueirôa

Campinas

2008

Fernando Cesar da Silva

Advento das Massas:

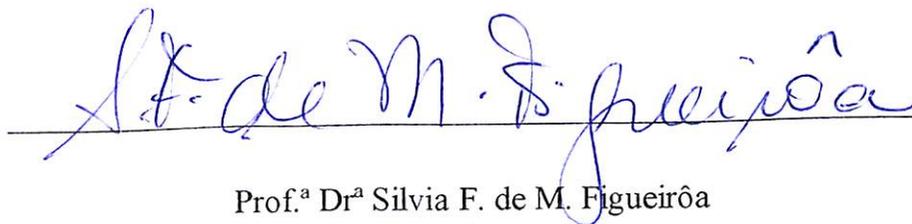
Um Olhar às obras de José Ortega Y GASSET (1987) em “A Rebelião das Massas” e Jean BAUDRILLARD (1985) em “À Sombra das Maiorias Silenciosas – O Fim do Social e o Surgimento das Massas”

Monografia apresentada ao Instituto de Geociências
da UNICAMP como requisito parcial para obtenção
do título de bacharel em Geografia

Orientador:

Prof.^a Dr.^a Silvia F. de M. Figueirôa

Aprovado em: 18/12/08



Prof.^a Dr.^a Silvia F. de M. Figueirôa

Campinas

2008

Agradecimentos

Agradeço a instituição Unicamp e a todos os elos não mencionados abaixo, mas que a constituem e colaboram (mesmo que inconscientemente) à sobrevivência e manutenção dela como tal. Minha gratidão aos funcionários da Graduação e da Biblioteca do IG, aos professores, aos amigos e a Prof.^a Dr.^a Silvia F. de M. Figueirôa pela orientação.

Agradeço a minha família e a todos os lugares que me acolheram no decorrer desses anos.

Obrigado.

Sumário

Introdução	6
Capítulo 01	7
Principais Idéias e Conceitos da Obra de José Ortega Y GASSET (1987) em “A Rebelião das Massas”	7
Capítulo 02	25
Principais Idéias e Conceitos da Obra de Jean BAUDRILLARD (1985) em “À Sombra das Maiorias Silenciosas – O Fim do Social e o Surgimento das Massas”	25
Considerações Finais	41
Referências Bibliográficas	45

Introdução

Esse trabalho está dividido em três capítulos: primeiro, uma interpretação da obra de José Ortega Y GASSET (1987) em “A Rebelião das Massas”; segundo, uma interpretação da obra de Jean BAUDRILLARD (1985) em “À Sombra das Maiorias Silenciosas – O Fim do Social e o Surgimento das Massas” e um último (Considerações Finais) que consiste em estabelecer um eixo comparativo e dialógico (não exatamente sincrônico) entre as duas obras mencionadas anteriormente. Tal eixo resulta entre similaridades e divergências de acordo com o objetivo específico da pesquisa – o que seria o “advento das massas”?

A obra de Ortega Y GASSET foi publicada no final da década de 1930. A mesma foi composta, conforme o autor menciona, de uma junção de artigos publicados deste a década anterior a sua composição final. Com um estilo próprio e peculiar, o autor apresenta sua tese numa linguagem detalhada em justificativas, porém de maneira de “fácil” compreensão. Sendo assim, o autor se utiliza de termos de uso cotidiano e carregado de ambigüidades, além de uma constante adjetivação. Caso retirado trechos do livro e não contextualizados, inevitavelmente o sentido apresentará uma inadequada e antiquada visão do autor sobre o tema, algo que, obviamente, não é verdade. Tentamos suavizar esse problema inserindo uma parte que antecipa o modelo de interpretação da obra. Esta parte (e as demais) apresenta algumas idéias e concepções introdutórias, mas que foram extraídas da mesma obra, ou seja, não foram utilizados outros trabalhos do autor nem interpretações ou biografias sobre o mesmo.

Para análise da obra de Jean BAUDRILLARD seguimos os mesmos procedimentos efetuados para a obra de Ortega Y GASSET. Porém, na parte introdutória fez-se necessário utilizamos de trechos pertencentes a dois outros livros do mesmo autor (O Sistema dos Objetos. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1989 e A Sociedade de Consumo. Lisboa: Edições 70, 1995) e que antecedem a obra em questão.

Nosso modelo de análise das obras apresenta um sentido hierárquico conforme o gráfico abaixo:

Tese Central → Processo Histórico → Argumentação Empírica → Implicações Futuras

Tese Central – seria o assunto de que trata a obra e uma definição do objeto;

Processo Histórico – os fatos históricos (culturais, políticos, econômicos) que resultaram na tese central e a justificam;

Argumentação Empírica – exemplos citados pelo autor que corroborem o elemento central de sua argumentação;

Implicações Futuras – prognóstico apresentado pelos autores.

Capítulo 01.

Principais Idéias e Conceitos da Obra de José Ortega Y GASSET (1987) em “A Rebelião das Massas”

Concepções do Autor e Alguns Conceitos.

Para o autor toda e qualquer sociedade é aristocrática e a divisão dela em maiorias e minorias não significa divisão em classes sociais. O tema (homem-massa) e o título da obra (A Rebelião das Massas) justificam-se, respectivamente por duas razões:

“... o homem é, queira ele ou não, um ser constitutivamente forçado a procurar uma instância superior. Se consegue encontrá-la por si mesmo, é um homem excelente; se não, é um homem-massa e precisa recebê-la daquele.

A massa pretender atuar por si mesma é, portanto, rebelar-se contra seu próprio destino, e, como é isso que está acontecendo agora, eu falo de rebelião das massas.”¹

A preocupação do autor consiste em saber se pode mudar esse tipo de homem, se a razão histórica “deixará” de ser vista como legado, que a evolução ou revolução sejam históricas e que não sobressaia um tipo de homem conservador, nem radical; afinal ambos são categorias do homem-massa.

Esta preocupação surge por uma diferença básica e fundamental entre o homem moderno e o antigo. Este procura no passado um modelo para a situação presente, o outro, tende sempre para o futuro e sente-o sempre como a dimensão mais substancial. Além disso, o autor destaca e problematiza o tempo moderno como:

“E eu concluía destacando o fato muito evidente de que nosso tempo se caracteriza por uma estranha pretensão de ser mais que qualquer outro tempo passado; mais ainda: por se desligar de todo o passado, não reconhecer épocas clássicas e normativas, e ver-se a si mesmo como uma vida nova superior a todas as antigas e irreduzível a elas.” (Rebelião das Massas, p.64)

¹ GASSET, José Ortega Y. *A Rebelião das Massas*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1997. Página 127/128. Nas citações que se seguem será dado apenas o número da página.

E ainda, resumidamente, para o autor a vida compõe-se de dois elementos fundamentais: as possibilidades ou circunstâncias (mundo de fato) e as decisões ou o que podemos ser (vida possível). Sendo assim, viver é caminhar em direção a uma meta, e “A meta não é meu caminhar, não é minha vida; é algo em que coloco esta última e que, portanto, está fora dela, mais além.” (Rebelião das Massas, p.153).

Sobre a realidade, o modelo e o conceito, o autor expõe que é impossível conhecer diretamente a plenitude do real, portanto tem-se o modelo e o conceito (construção arbitrária de uma realidade).

Depois desta breve introdução sobre algumas concepções do autor, segue uma lista de conceitos (idéias) utilizados na obra e que se apresentarão no decorrer desta análise:

- **Sociedade –**

“Sociedade é o que se produz automaticamente pelo simples fato da convivência. Espontânea e inexoravelmente origina costumes, usos, língua, direito, poder público.” (Rebelião das Massas, p.8);

“... sociedade é um conjunto de indivíduos que mutuamente se sabem submetido à vigência de certas opiniões e valores” (Rebelião das Massas, p.215);

“A sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois fatores: minorias e massas.” (Rebelião das Massas, p.37)

- **História como Sistema –**

“A história é a realidade do homem. Ele não tem outra. Nela se chegou a fazer tal como é. Negar o passado é ‘o natural do homem que volta a galope’. O passado não existe mais, e não se deu ao trabalho de passar para ser negado, mas para ser integrado.” (Rebelião das Massas, p.16);

“O saber histórico é uma técnica de primeira ordem para conservar e continuar uma civilização propecta.” (Rebelião das Massas, p.105);

- **Tempo Vital e Nível Histórico –**

Ambos baseiam-se em conceitos comparativos e não seguem uma ordem contínua: crescente ou decrescente, ou seja:

“Nem todas as idades sentiram-se inferiores a alguma do passado, e nem todas se acreditaram superiores às que sucederam.” (Rebelião das Massas, p.52) e;

“Diz-se, por exemplo, que isso ou aquilo não é próprio da altura dos tempos. De fato: não o tempo abstrato da cronologia, que é todo plano, mas o tempo vital, o que cada geração chama de ‘nosso tempo’, tem sempre certa altura, eleva-se hoje sobre ontem, ou se mantém igual, ou cai abaixo”. (Rebelião das Massas, p.51)

No entanto, como se avaliam ou se diferenciam os diferentes tempos? A resposta não é clara, mas parece estar na idéia de decadência:

“Para mim não há dúvida quanto ao sintoma decisivo: uma vida que não prefere nenhuma outra de antes, de nenhum antes, portanto, que prefere a si mesma, não pode ser chamada de decadente em nenhum sentido sério.” (Rebelião das Massas, p.57);

- **Nível Vital contemporâneo à obra –**

“Não é plenitude dos tempos e, no entanto, sente-se superior a todos os tempos idos e acima de todas as plenitudes já conhecidas. A impressão que nossa época tem de si mesma não é fácil de expressar: julga-se melhor que as outras, e ao mesmo tempo sente-se como um início, sem ter a certeza de não ser uma agonia. Que forma escolheríamos? Talvez esta: superior aos outros tempos e inferior a si mesma. Fortíssima e ao mesmo tempo insegura de seu destino. Orgulhosa de suas forças e ao mesmo tempo temerosa delas.” (Rebelião das Massas, p.58);

- **Revolução –**

“... entendo como tal o que Leibniz já chamava de ‘revolução geral’¹⁸, a vontade de transformar de uma só vez tudo e em todos os gêneros¹⁹.” (Rebelião das Massas, p.26)

Quanto à revolução russa:

“... dentre as muitas frases já feitas pela velha experiência humana sobre as revoluções, nenhuma que não seja uma deplorável confirmação quando aplicada a ela. ‘A revolução devora seus próprios filhos!’ ‘A revolução começa por um partido moderado, em seguida passa para os extremistas e logo começa a retroceder para uma restauração’ etc., etc.” (Rebelião das Massas, p. 107);

- **Reforma –**

“Pois bem: o melhor que humanamente pode ser dito de alguma coisa é que precisa ser reformada, porque isso indica que ela é imprescindível e que é capaz de uma nova vida.” (Rebelião das Massas, p.157);

- **Multidão –**

“O conceito de multidão é quantitativo e visual. Se o traduzirmos para a terminologia sociológica, sem alterá-lo, encontraremos a idéia de massa social.” (Rebelião das Massas, 37);

- **Massas –**

“A massa é o conjunto de pessoas não especialmente qualificadas. Portanto não se deve entender por massas, nem apenas, nem principalmente, ‘as massas operárias’. Massa é ‘o homem médio’. Desse modo converte-se o que era apenas quantidade – a multidão – em uma determinação qualitativa; é a qualidade comum, é o monstro social, é o homem enquanto não diferenciado dos outros homens, mas que representa um tipo genérico.” (Rebelião das Massas, p. 37);

“A rigor, a massa pode definir-se como um fato psicológico, sem necessidade de esperar o aparecimento dos indivíduos em aglomeração. Diante de uma só pessoa, podemos saber se é massa ou não. Massa é todo aquele que não atribui a si um valor – bom ou mau – por razões especiais, mas que se sente ‘como todo mundo’ e, certamente, não se angustia com isso, sente-se bem por ser idêntico aos demais.” (Rebelião das Massas, p.38);

“Por ‘massa’ – adverti no início – não se entende especialmente o operário; não se designa aqui uma classe social, mas uma classe ou modo de ser homem que acontece hoje em todas as classes sociais, que por isso representa o nosso tempo, no qual predomina e impera” (Rebelião das Massas, p.122);

- **Minorias –**

“As minorias são indivíduos ou grupos de indivíduos especialmente qualificados” (Rebelião das Massas, p.37);

Caracterizado pelo autor como:

“... o que exige mais de si mesmo que a maioria, ainda que não consiga atingir essas exigências superiores.” (Rebelião das Massas, p.38);

- **Nobreza –**

“Nobreza, para mim, é sinônimo de vida dedicada, sempre disposta a superar a si mesma, a transcender do que já é para o que se propõe como dever e exigência” (Rebelião das Massas, p. 82);

- **Cultura e Barbárie –**

O autor perpassa ambas à impertinência da norma, sejam elas quais forem, mas que sejam uma instância de regulação. Sendo assim:

“Não há cultura onde não há princípios de legalidade civil a que se apelar. Não há cultura onde não há respeito a certas posições intelectuais últimas a que se referir na disputa³. (...) A barbárie é a ausência de normas e da possibilidade de apelação.” (Rebelião das Massas, p.88);

- **Mando –**

“Por ‘mando’ não se entenda aqui primordialmente exercício de poder material, de coação física. Porque aqui se aspira a evitar enganos, pelo menos os mais grosseiros e patentes. Pois bem: essa relação estável e normal entre homens a que se chama ‘mando’ *nunca repousa na força*, mas é justamente o inverso, porque é o fato de um homem ou um grupo de homens exercer o mando que põe à sua disposição esse aparato ou máquina social que se chama ‘força’. (...) O mando é exercício normal da autoridade, o qual se fundamenta sempre na opinião pública – sempre, hoje ou há dez mil anos, entre os ingleses ou entre os botocudos. Jamais alguém mandou na terra baseando seu mando essencialmente em outra coisa que não na opinião pública.” (Rebelião das Massas, p.140);

- **Estado –**

Para o autor o Estado é sempre movimento, sempre projeto; mas a fim de que se “veja” o Estado é preciso uma interpretação estática:

“... o Estado constituído é só o resultado de um movimento anterior de luta, de esforços, que se voltavam para ele. Ao Estado constituído precede o Estado constituinte, e este é o princípio de movimento.

Quero dizer que o Estado não é uma forma de sociedade que é dada de presente ao homem, mas que precisa ser forjada penosamente.” (Rebelião das Massas, p.162/163);

“O Estado, qualquer que seja sua forma – primitiva, antiga, medieval ou moderna –, é sempre a conclamação que um grupo de homens faz a outros grupos humanos para executarem uma empresa juntos. (...) Estado e projeto de vida, programa de trabalho ou de conduta humanos, são termos inseparáveis.” (Rebelião das Massas, p.176)

- **Estado Moderno e/ou Estado-Nação –**

O autor dá continuidade à concepção anterior de Estado, porém acrescenta as vertentes de democrático e plebiscitário:

“Um Estado onde os povos mais diversos colaborem, ao qual todos se sintam solidários. Não um centro que manda e uma periferia que obedece, mas um gigantesco corpo social, onde cada elemento seja ao mesmo tempo sujeito passivo e ativo do Estado.” (Rebelião das Massas, p. 169);

“Mas os povos novos apresentam uma interpretação do Estado menos material. Se ele é um projeto de empresas comum, sua realidade é puramente dinâmica: um *trabalho*, a continuidade em atuação. Segundo isso, é parte ativa do Estado, é sujeito político, todo aquele que dá sua adesão à empresa – raça, sangue, filiação geográfica, classe social ficam em segundo plano. (...) O Estado nacional é democrático de nascimento, num sentido muito mais decisivo que todas as diferenças nas formas de governo.” (Rebelião das Massas, p.177);

“Vejo o Estado nacional, pois, uma estrutura histórica de caráter plebiscitário.” (Rebelião das Massas, p.180);

- **Nação –**

O autor inicia suas indagações expondo, segundo suas palavras, a conhecidíssima sentença de Renan:

“Ter glórias comuns no passado, uma vontade comum no presente; ter feito grandes coisas juntos, querer fazer mais outras; eis aqui as condições essenciais para ser um povo... No passado, uma herança de glórias e remorsos; no porvir, um mesmo programa a realizar... A existência de uma nação é um plebiscito cotidiano.” (Rebelião das Massas, p.178)

E, logo o autor traz a idéia de movimento (o estático apenas como desfrute de “ver”), a mesma utilizada para o Estado:

“...o âmago essencial de uma nação, que se compõe destes dois ingredientes: primeiro, um projeto de convivência total numa empresa comum; segundo, a adesão dos homens a esse projeto incitativo. (...) Porque, na verdade, uma nação nunca está feita. Nisso se diferencia de outros tipos de Estado. A nação está sempre se fazendo ou se desfazendo.” (Rebelião das Massas, p.181);

- **Direito –**

O autor enxerga o direito como, de fato, estático:

“O direito tradicional só serve de regulamento para uma realidade paralítica.” (Rebelião das Massas, p.210);

Sendo assim, emprega – como anteriormente visto nas concepções de Estado e de Nação – a idéia de movimento, propondo:

“O homem precisa de um direito plástico e em movimento, capaz de acompanhar a história em sua metamorfose.” (Rebelião das Massas, p.210/211);

“É muito importante reduzir a conceitos claros essa situação efetiva de direito que consiste em puras ‘margens’ e puras ‘elasticidades’. Porque a elasticidade é a condição que permite a um direito ser plástico, e, se lhe é atribuída uma margem, é porque se prevê seu movimento.” (Rebelião das Massas, p.211);

No entanto, o autor alerta que esse direito não pode ser construído num vazio social, e sim dirigido a uma sociedade portadora desse direito e anterior a ele.

- **Vigências –**

“As vigências são o autêntico poder social, anônimo, impessoal, independente de todo grupo ou indivíduo determinado. (...) Quando uma opinião ou norma chega a ser verdadeiramente ‘vigência coletiva’, não recebe seu vigor do esforço que determinados grupos sociais fazem para impô-la ou mantê-la.” (Rebelião das Massas, p.218).

Tese Central

Um fato formidável acontece em meados do século XX:

“Esse fato é o advento das massas ao pleno poderio social.” (Rebelião das Massas, p.35).

Adverte-se para que a compreensão deste fato não se faça dentro de um sentido exclusivamente político. O assunto trabalhado na obra anseia a caracterização do homem médio deste período em questão “... quanto à sua capacidade para continuar a civilização moderna e quanto à sua adesão à cultura.” (Rebelião das Massas, p.32).

Portanto, o objeto estudado pelo autor é o que ele chama de homem-massa. Em torno deste tipo de homem gravitará toda sua argumentação a fim de apreender uma característica do europeu entre - guerras, ou de um novo homem que se apontava no mundo, cuja definição é:

“... um homem feito de pressa, montado simplesmente sobre poucas e pobres abstrações e que, por isso, é idêntico de um extremo a outro da Europa.” (Rebelião das Massas, p.12)

Processo Histórico

O viver, para o autor, não é mais do que lidar com o mundo. Portanto, no passado viver significava dificuldades, limitações, escassez, etc.; no novo mundo as possibilidades são praticamente ilimitadas. Esta análise surge a partir de três princípios que tornaram esse novo mundo possível:

“... a democracia liberal, as experiências científicas e o industrialismo. Os dois últimos podem ser resumidos num só: a técnica.” (Rebelião das Massas, p.75).

Segundo o autor, ambas resultam em dois séculos de educação progressista e um paralelo crescimento econômico na Europa, mas cabe especificamente ao século XIX a formação das grandes multidões.

Notemos que a estrutura de formação do homem-massa a que o autor se refere baseia-se em dois pilares: democracia liberal e técnica, características da Europa do século XIX.

A técnica contemporânea é uma associação entre capitalismo e ciência experimental. Esta progrediu de forma mecânica e baseada na especialização:

“A firmeza e exatidão dos métodos permitem essa transitória e práticas desarticuladas do saber. (...) O especialista ‘sabe’ muito bem seu mínimo rincão de universo; mas ignora radicalmente todo o resto.” (Rebelião das Massas, p.124).

Esta mesma técnica permitiu que o mundo se mundializasse de fato em meados do século XX, ou seja, que o homem médio vivesse habitualmente todo o planeta. Sendo assim, temos um aumento espaço-temporal do mundo por consequência de se incluir mais coisas. Concluindo, a técnica contemporânea tem feito crescer a vida do homem médio na dimensão das potencialidades e o mesmo conta com um leque de possibilidades que aumentaram significamente:

“... convencendo-nos que o organismo humano de nosso tempo possui capacidades superiores às conhecidas anteriormente.” (Rebelião das Massas, p.62)

Observa-se que o autor coloca o século XIX como o provedor da técnica contemporânea, alertando que a tecnização do mundo é fato recente e inerente ao período da obra, cujas mudanças são o assunto em questão. Além disso:

“...desde o século XVI toda a humanidade entrou num gigantesco processo de unificação, que em nossos dias chegou a seu ponto insuperável. Já não há pedaço da humanidade que viva à parte – não há ilhas de humanidade.” (Rebelião das Massas, p.140)

A metáfora que o mundo aumentou é válida e o contrário também. Segundo o autor, a técnica contemporânea provocou a seguinte situação:

“...para os efeitos da vida pública universal, o tamanho do mundo diminuiu subitamente. Os povos se encontram de repente *dinamicamente* mais próximos. E isso acontece justamente no momento em que os povos europeus mais se distanciaram moralmente.” (Rebelião das Massas, p. 221).

Quanto à democracia liberal, o princípio também é válido. Na época do sufrágio universal as multidões escolhiam entre os programas propostos ao qual aderir, sabiam que existiam as classes ou “castas”. No entanto, o homem médio “atual” aprende que todos os homens são iguais e as massas passam a atuar diretamente, sem um mediador, sem uma representação:

“Hoje assistimos ao triunfo de uma hiperdemocracia na qual a massa atua diretamente sem lei, por meio de pressões materiais, impondo suas aspirações e seus gostos.” (Rebelião das Massas, p.40)

E o psicológico do homem-massa atua conforme:

“... a livre expansão de seus desejos vitais, portanto, de sua pessoa, e a radical ingratidão para com tudo que tornou possível a facilidade de sua existência.” (Rebelião das Massas, p.76).

Outras razões também contribuíram à formação do homem-massa. Estas são inerentes e estão subordinadas às duas anteriormente citadas. Primeira, a elevação geral do nível histórico proporcionando que:

“Todo bem e todo o mal do presente e do futuro imediato têm sua causa e sua origem nessa elevação geral do nível histórico.” (Rebelião das Massas, p.47)

Segunda, o crescimento quantitativo das multidões, a velocidade desse crescimento no século XIX para o XX e o principal, o efeito dessa velocidade. Ou seja, o autor apresenta as seguintes informações: do século VI até 1800 a Europa não ultrapassa a cifra de 180 milhões de habitantes; de 1800 a 1914 a população cresceu de 180 para 460 milhões de habitantes e esta aceleração impossibilitou prover uma educação tradicional:

“E, com efeito, o tipo médio do homem europeu atual possui uma alma mais sã e mais forte que as do século passado, porém muito mais simples.” (Rebelião das Massas, p.70).

Concluindo:

“Minha tese é, portanto, a seguinte: a própria perfeição com que o século XIX organizou certas esferas da vida é a origem do fato de que as massas beneficiárias não a considerem como organização, mas como natureza.” (Rebelião das Massas, p.77)

“... tirar as seguintes conclusões: primeira, que a democracia liberal fundada na criação técnica é o tipo superior de vida pública até agora conhecido; segunda, que esse tipo de vida não será o melhor imaginável, mas o que imaginarmos como melhor terá que conservar o essencial daqueles princípios; terceira, que é suicida qualquer retorno a formas de vida inferiores à do século XIX.” (Rebelião das Massas, p.71)

“... o mundo organizado pelo século XIX, ao produzir automaticamente um homem novo, deu-lhe apetites formidáveis, meios poderosos de toda ordem para satisfazê-los – econômicos, corporais (higiene, saúde média superior à de todos os tempos), civis e técnicos (entenda-se por estes a enormidade de conhecimentos parciais e de eficiência prática que tem hoje o homem médio e de que sempre careceu no passado). Depois de lhe ter dado essas potências todas, o século XIX o abandonou a si próprio, e então, seguindo sua índole natural, o homem médio se fechou dentro de si. Desse modo nos encontramos com uma massa mais forte do que a de nenhuma outra época, mas diferente da tradicional, fechada em si mesma, que não atende a nada e a ninguém, acreditando que se basta a si própria – em suma: indócil.” (Rebelião das Massas, p. 83).

Argumentação Empírica

O primeiro fator notável que inicia a análise do fenômeno estudado pelo autor é a concepção do termo “cheio”. Este fato está ligado diretamente às aglomerações (multidão), ou seja, o “cheio” tem relação com a percepção de concentração de pessoas em lugares que antes sobravam e eram freqüentados pelas minorias:

“Simples de se enunciar, mas não de se analisar, eu denomino o fato da aglomeração de ‘cheio’. (...) O que vemos, que nos surpreende tanto? Vemos a multidão como tal, de posse dos locais e utensílios criados pela civilização”. (Rebelião das Massas, p.36)

“Há quinze anos existia aproximadamente o mesmo número de pessoas. (...) Os indivíduos que integram essas multidões já existiam, porém não como multidão.” (Rebelião das Massas, p.37)

Outra característica inerente ao processo e evidência do homem-massa é a homogeneidade das situações – impossibilidade prática de opções entre possibilidades – conduzidas pelos extremos que integram tudo de maneira hermética; politicismo integral praticadas pelo reacionário ou pelo revolucionário, ambos considerados como exemplos claros de homem-massa:

“O politicismo integral, a absorção de todas as coisas e de todo o homem pela política é a mesma coisa que o fenômeno da rebelião das massas descrito aqui.” (Rebelião das Massas, p.22)

“Por isso o *bolchevismo* e o *fascismo*, as duas ‘novas’ propostas políticas que estão surgindo na Europa e arredores, são dois claros exemplos de regressão substancial. (...) Movimentos típicos de homens-massa, dirigidos, como todos que o são, por homens medíocres, extemporâneos e sem grande memória, sem ‘consciência histórica’...” (Rebelião das Massas, p. 106)

Este novo homem do século XX fracassa não mais pela falta de técnica (como no passado – queda do Império Romano; exemplo dado pelo autor), mas por não conseguir acompanhar o progresso de sua civilização e por uma ignorância histórica incrível. Esta “alma hermética” do homem-massa transita pela civilização como se fosse um primitivo, usufruindo-se para si próprio dos avanços da ciência empírica (fator de sustentação das massas) como bárbaros:

“Pois repare-se qual é a situação atual: enquanto, de maneira evidente, todos os demais campos da cultura tornaram-se problemáticos – a política, a arte, as normas sociais, a própria moral –, há um que, a cada dia que passa, comprova, de forma indiscutível e adequada para impressionar o homem-massa, sua maravilhosa eficiência: a ciência empírica.” (Rebelião das Massas, p.99)

“Mas as ciência experimentais sim, essas necessitam da massa, como estas necessitam delas, sob pena de sucumbirem, já que num planeta sem físico-química não seria possível manter-se o numero de homens hoje existentes.” (Rebelião das Massas, p.100)

Portanto, baseando-se nos adjetivos primitivo e bárbaro que qualificam o homem-massa, o autor estabelece a relação desse novo homem com o mundo difícil e complexo que o rodeia:

“O homem-massa acha que a civilização em que usa é tão espontânea e primigênia como a Natureza, e *ipso facto* converte-se em primitivo”. (Rebelião das Massas, p.104)

“...o europeu que começa a predominar seria, *relativamente à civilização complexa em que nasceu* um homem primitivo, um bárbaro emergindo pela escotilha, um ‘invasor vertical’.” (Rebelião das Massas, p.101)

Sendo assim, diante dessa aparente facilidade em que o mundo se apresenta, o autor caracteriza a personalidade do homem-massa como ingrata, de grandes apetites e motivado por necessidades externas:

“O mundo que rodeia o homem novo desde seu nascimento que não faz com que ele se limite em nenhum sentido, não lhe apresenta nenhum veto nem contenção, mas, ao contrário, fustiga seus apetites que, em princípio, podem crescer indefinidamente. (...) uma segurança inabalável de que amanhã será ainda mais rico, mais perfeito e mais amplo, como se gozasse de um espontâneo e inesgotável crescimento. (...) dois primeiros traços: a livre expansão de seus desejos vitais, portanto, de sua pessoa, e a radical ingratidão para com tudo que tornou possível a facilidade de sua existência.”(Rebelião das Massas, p.76)

“Conforme se avança pela vida, vai-se notando indubitavelmente que a maior parte dos homens – e das mulheres – são incapazes de qualquer esforço que não seja o estritamente imposto como reação a uma necessidade externa.”(Rebelião das Massas, p.82/83)

Para o autor:

“... o homem da ciência é o protótipo do homem-massa” (Rebelião das Massas, p.122)

Afinal:

“Porque convém insistir na extravagância desse fato inegável: a ciência experimental progrediu, em boa parte, devido ao trabalho de homens incrivelmente medíocres, e até menos que isso. (...) A firmeza e a exatidão dos métodos permitem essa transitória e prática desarticulação do saber. (...) O especialista ‘sabe’ muito bem seu mínimo rincão de universo; mas ignora radicalmente todo o resto”(Rebelião das Massas, p.124)

“Não é um sábio, porque ignora formalmente tudo quanto não faz parte de sua especialidade; mas tampouco é um ignorante, porque é ‘um homem da ciência’ e conhece muito

bem sua porciúncula de universo. (...) Em política, em arte, nos usos sociais, em outras ciências, tomará posições de primitivo, de ignorantíssimo; mas as tomará com energia e suficiência, sem admitir – e aí está o paradoxo – especialistas nessas coisas. (...) Eles simbolizam, e constituem em grande parte, o atual império das massas, e sua barbárie é a causa mais imediata da desmoralização européia.” (Rebelião das Massas, p.125)

A vulgaridade, o direito à vulgaridade, a indocilidade, a especial vaidade, a falta de razão, o direito a não ter razão e a imposição de suas opiniões são outras características do homem-massa:

“A característica do momento é que a alma vulgar, sabendo que é vulgar, tem a coragem de afirmar o direito da vulgaridade e o impõe em toda parte” (Rebelião das Massas, p.41)

“Era isso que no primeiro capítulo eu anunciava como característico de nossa época: não é que o vulgo pense que é excepcional e não vulgar, mas sim que o vulgar proclama e impõe o direito da vulgaridade, ou a vulgaridade como um direito.” (Rebelião das Massas, p.87)

“A análise de sua anatomia pode ser resumida em dois pontos: primeiro, as massas executam hoje um repertório vital que coincide, em grande parte, com o que antes parecia exclusivamente reservado às minorias; segundo, ao mesmo tempo, as massas se tornaram indóceis diante das minorias; não as obedecem, não as seguem, não as respeitam, mas, ao contrário, as ignoram e as suplantam.” (Rebelião das Massas, p.45)

“A massa – quem diria ao ver seu aspecto compacto e multitudinário? – não deseja a convivência com o que não é ela. Odeia mortalmente o que não é ela.” (Rebelião das Massas, p.92)

“Mas o homem que estamos analisando está habituado a não apelar por si mesmo a nenhuma instancia fora dele.” (Rebelião das Massas, p.80)

“... distinguíamos o homem excelente do homem vulgar dizendo: que aquele é o que exige muito de si mesmo, e este é o que não exige nada, mas está satisfeito com o que é, está encantado consigo¹.” (Rebelião das Massas, p.80/81)

“Entre as espécies de sindicalismo e fascismo aparece pela primeira vez na Europa um tipo de homem que *não quer dar razão nem quer ter razão*, mas que, simplesmente, mostra-se decidido a impor suas opiniões. Aqui está o novo: o direito a não ter razão, a razão da sem razão.” (Rebelião das Massas, p.89)

“Resumo: O novo fato social aqui analisado é o seguinte: pela primeira vez a história européia parece estar subordinada à decisão do homem vulgar como tal. Ou, dito em voz ativa: o homem vulgar, dirigido anteriormente, resolveu governar o mundo.” (Rebelião das Massas, p. 111)

Diante do poderio das massas, característica da época em questão, a imposição de sua opinião se dá pela “ação direta”, não apelando a nenhuma instancia fora dela:

“Mas o homem massa sentir-se-ia perdido se aceitasse a discussão, e instintivamente rejeita a obrigação de acatar essa instancia suprema que se acha fora dele.” (Rebelião das Massas, Rebelião das Massas, p.89)

“... quando a massa, independente do motivo, atuou na vida pública, o fez na forma de ‘ação direta’.” (Rebelião das Massas, p.90)

“Toda convivência humana vai entrando nesse novo regime em que são suprimidas as instâncias indiretas.” (Rebelião das Massas, p.91)

Como última metáfora para descrever o homem-massa, o autor lança mão de outras comparações, como com a da “criança mimada”, com a do primitivo rebelde e com o do “senhorzinho satisfeito”:

“Esse conjunto de facetas nos fez pensar em certos modos deficientes de ser homem, como a ‘criança mimada’ e o primitivo rebelde; isto é, o bárbaro. (O primitivo normal, ao contrário, é homem mais suscetível a instâncias superiores que jamais existiu – religião, *tabus*, tradição social, costumes.)” (Rebelião das Massas, p. 111/112)

“Acredito que isso mostre com suficiente clareza a superlativa anormalidade que representa o ‘senhorzinho satisfeito’. Porque é um homem que nasceu para fazer o que lhe dá vontade. (...) Mas o ‘senhorzinho’ pensa que pode se comportar em qualquer lugar como em sua casa, pensa que nada é fatal, irremediável e irrevogável.” (Rebelião das Massas, p.115)

“Porque esta é a tônica da existência do homem-massa: a falta de seriedade, a ‘brincadeira’.” (Rebelião das Massas, p.118)

O poderio das massas é fruto (também) de uma carência de moral e consecutivamente do mando do dinheiro:

“O homem massa carece simplesmente de moral, que é sempre, por essência, um sentimento de submissão a algo, consciência de serviço e obrigação.” (Rebelião das Massas, p. 193)

“Parece mais verossímil que o dinheiro seja um fator social secundário, incapaz, por si mesmo, de inspirar a grande arquitetura da sociedade. (...) o dinheiro só manda quando não há outro princípio que mande.” (Rebelião das Massas, p.235)

“Nem a religião nem a moral dominam a vida social e tampouco o coração da multidão. A cultura intelectual e artística é menos valorizada que há vinte anos. Resta só o dinheiro.” (Rebelião das Massas, p.236)

Sintetizando, a argumentação empírica do autor define-se em:

“Estudando-se a estrutura psicológica desse novo tipo de homem, a partir de seus efeitos na vida pública, encontra-se o seguinte: 1º, uma impressão inata e radical de que a vida é fácil, superabundante, sem limitações trágicas; portanto, cada indivíduo médio tem em si a sensação de domínio e triunfo que, 2º, leva-o a se auto-afirmar tal como é, a considerar seu haver moral e intelectual como bom e completo. Esse contentamento consigo o induz a se fechar para qualquer instância exterior, a não escutar, a não submeter suas opiniões a julgamento algum e a não contar com a existência dos outros. Sua íntima sensação de domínio faz com que exerça constantemente predomínio. Portanto, agirá como se só ele e seus congêneres existissem no mundo; e, assim, 3º, intervirá em tudo impondo sua opinião vulgar, sem considerações, contemplações, trâmites ou reservas – isto é, segundo um método de ‘ação direta’.” (Rebelião das Massas, p.111)

Implicações Futuras ou Prognóstico

O momento crítico que o autor destaca é o da rebelião das massas:

“A rebelião das massas *pode*, de fato, ser o veículo de uma nova organização da humanidade, ímpar, mas também *pode* ser uma catástrofe do destino humano.” (Rebelião das Massas, p.93)

O advento do homem-massa significa uma potência do maior bem e do maior mal da civilização, bastando apenas um breve descuido para que o homem-massa rebelde retroceda à

barbárie. Motivado por sua indocilidade e pela sua alma hermética não conseguirá seguir ninguém e desejará ser senhor:

“Quer-se que o homem médio seja senhor. Então não se estranhe que ele atue por si e diante de si, que reclame todos os prazeres, que imponha sua vontade com decisão, que se negue a toda servidão, que não siga ninguém docilmente, que cuide de sua pessoa e de seus ócios, que arrume sua indumentária: são alguns dos atributos perenes inerentes à consciência de senhorio. Hoje encontram-se no homem médio, na massa.” (Rebelião das Massas, p.47)

(as massas) “...tenham um momento de boa vontade e aceitem a direção de minorias especiais superiores, em certos assuntos de especial premência.

Mas mesmo assim essa vontade fracassará. Porque a textura básica de sua alma é feita de hermetismo e indocilidade, porque lhes falta, por nascimento, a função de atender ao que está além delas, sejam fatos ou pessoas. Quererão seguir alguém, e não poderão. Quererão ouvir, e descobrirão que são surdas.” (Rebelião das Massas, p.84)

No campo científico o autor prevê uma estagnação. Devido à especialização – que foi o motivo do progresso da ciência experimental no século XIX – ocorrerá que a ciência não poderá avançar pela fragmentação e haverá a necessidade de superação do processo de especialização, o que não acontecerá por si mesmo.

Também, inicia-se uma falta de mando no mundo consecutivo à “decadência” da Europa:

“Não me importaria em nada que o mando europeu cessasse, se existisse hoje outro grupo de povos capaz de substituí-lo no Poder e na direção do planeta. Mas nem sequer isso eu pediria. Aceitaria que ninguém mandasse, se isso não acarretasse a evaporação de todas as virtudes e dotes do homem europeu.” (Rebelião das Massas, p.154)

Os riscos dessa decadência também têm seus efeitos (ou causas?) em dois outros fatores que estão interligados: as novas técnicas de comunicação e a aproximação dos povos:

“...os meios atuais de comunicação produzem seus efeitos, por ora, daninhos. Porque a quantidade de notícias que um povo recebe constantemente sobre o que acontece com o outro é enorme.” (Rebelião das Massas, p.224)

“Sustento, pois, que a nova estrutura do mundo converte os movimentos da opinião de um país sobre o que acontece no outro – movimentos que antes eram quase inócuos – em autênticas incursões.” (Rebelião das Massas, p.228)

“Assim como antes postulávamos uma nova técnica jurídica, reclamamos aqui uma nova técnica de relacionamento entre os povos.” (Rebelião das Massas, p.228)

“Nesses meses tem-se falado muito sobre a intervenção ou não-intervenção de alguns Estados na vida de outros países. Mas não se falou, pelo menos com ênfase suficiente, sobre a intervenção hoje exercida de fato pela opinião de algumas nações na vida de outras, às vezes muito remotas. E esta, a meu ver, é hoje muito mais grave do que aquela.” (Rebelião das Massas, p.222)

“...é extremamente improvável que nos assuntos graves de seu país a ‘opinião pública’ careça de informações mínimas necessárias para que seu juízo não corresponda organicamente à realidade julgada. (...) Mas acontece exatamente o contrário quando se trata da opinião de um país sobre o que acontece em outro.” (Rebelião das Massas, p.223)

Como o Estado também é uma técnica, assim, portanto, mereça uma constante vigilância; o autor faz referência ao advento do homem-massa e como esse encara o Estado:

“...o homem-massa vê o Estado um poder anônimo – vulgo –, crê que o Estado é coisa sua.” (Rebelião das Massas, p.131)

“A massa diz para si mesma: ‘O Estado sou eu’, o que é um erro completo. O Estado só é a massa no sentido em que pode dizer que dois homens são idênticos porque nenhum deles se chama João. O Estado contemporâneo e a massa só coincidem em ser anônimos. Mas acontece que o homem-massa pensa, de fato, que ele é o Estado, e tenderá cada vez mais a fazê-lo funcionar a qualquer pretexto, a esmagar com ele qualquer minoria criadora que o perturbe – que o perturbe em qualquer campo: na política, nas idéias, na indústria. (...) A sociedade terá que viver *para* o Estado; o homem, *para* a máquina do Governo.” (Rebelião das Massas, p.132)

Como os valores que regem uma sociedade estão em crise, o mando do dinheiro será cada vez maior, tanto quanto mais coisas estiver a venda:

“... o poder social do dinheiro – *ceteris paribus* – será tanto maior quanto mais coisas houver para se comprar, e não quanto maior for a quantidade do próprio dinheiro.” (Rebelião das Massas, p.236)

Capítulo 02.

Principais Idéias e Conceitos da Obra de Jean BAUDRILLARD (1985) em “À Sombra das Maiorias Silenciosas – O Fim do Social e o Surgimento das Massas”

Concepções do Autor e Alguns Conceitos.

No processo de busca pela verdade, segundo o autor, a Ciência apresenta um *axioma de credibilidade* que atravança a compreensão do fenômeno (tese) trabalhado pelo mesmo – o fim do social e o surgimento das massas:

“O cientista não pode acreditar que a matéria ou o ser não respondem ‘objetivamente’ às questões que ele lhes formula, ou que respondem *muito* objetivamente para que suas questões sejam boas.”²

Prosseguindo, Baudrillard levanta a questão da dificuldade de como analisar um objeto que está além da representação:

“Ninguém sabe na realidade que relação pode se estabelecer entre dois elementos que estão além da representação, é um problema que nossa epistemologia do conhecimento não permite resolver pois ela postula sempre a mediação de um sujeito e de uma linguagem, a mediação de uma representação. Só conhecemos bem os encadeamentos representativos, não sabemos grande coisa dos encadeamentos analógicos, afinitários, imediatizados, irreferenciais e outros sistemas.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 44)

Dessa forma, o autor faz sua crítica à Sociologia quanto à impossibilidade da mesma de conduzir uma análise “diferente” do tema do social e das massas. Quanto ao social:

² BAUDRILLARD, Jean. *À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. Página 32. Nas citações que se seguem será dado apenas o número da página.

“A sociologia só pode descrever a expansão do social e suas peripécias. Ela vive apenas da hipótese positiva e definitiva do social. A assimilação, a implosão do social lhe escapam. A hipótese da morte do social é também a da sua própria morte.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 11)

O mesmo acontece com o termo massa. Ele, na maioria das vezes, é concebido de forma a classificar os grupos (ou classes) em categorias a fim de satisfazer determinadas prerrogativas. Para o autor, o termo massa não é um conceito, e tal como é abordado tradicionalmente, o mesmo não passará de noções fluidas e acríticas. Portanto, a combinação errônea de ambos os termos:

“São a obsessão de todo projeto social, mas todos malogram nelas, porque todos permanecem enraizados na definição clássica de massas, a de uma esperança escatológica do social e de sua realização. Ora, as massas *não são* o social, são a reversão de todo social e de todo socialismo.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 42)

Essa hipótese inverte tudo. Baudrillard anula a idéia de contrato, de ligação e de relação social. Para ele há apenas questões, desafios:

“O desafio não é uma dialética, nem uma oposição respectiva de um pólo ao outro, de um termo ao outro, numa estrutura plena. Ele é um processo de *exterminação* da posição estrutural de cada *termo*, da posição de sujeito de cada um dos antagonistas e em particular daquele que lança o desafio: por isso mesmo ele abandona qualquer posição contratual que possa dar lugar a uma ‘ligação’.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 58)

Para a compreensão dessa proposta que o autor nos insere, faz-se necessário esclarecer um ponto básico entre a massa, os grupos tradicionais e a resistência à socialização:

“... a massa absolutamente constitui uma estrutura passiva de recepção das mensagens dos meios de comunicação, sejam elas políticas, culturais ou publicitárias. Os microgrupos e os indivíduos, longe de se alinharem a uma decodificação uniforme e imposta, decodificam as mensagens à sua maneira, as interceptam (através de líderes) e as transpõem (segundo nível), opondo ao código dominante seus sub-códigos particulares, e terminam de reciclar tudo que os atinge em seu próprio ciclo...” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 37)

Sendo assim, para o autor, a maneira de resistência das massas (silêncio, benevolência, etc.) para com o social (ou socialização) não deve ser confundida com as dos microgrupos. Esta idéia é a base para o fim do social e será exposta nesse trabalho mais adiante; antes apresentaremos algumas noções (do autor) que acreditamos ser condizentes para tal finalidade:

- **O Social –**

“Houve *sociedades sem social*, assim como houve sociedade sem história.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 56)

“O social não é um processo claro e unívoco.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 55)

“A energia ininterrupta do social surgiu há dois séculos com a desterritorialização e a concentração sob instâncias cada vez mais unificadas.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 57)

Como as ciências sociais não conseguem definir o social, mas apenas suas peripécias (conforme o autor) e aquilo que o produz (processo), ou seja, as instituições (urbanização, concentração, produção, trabalho, medicina, escolarização, segurança social, seguros, etc.);então, segue que o mesmo pertence a:

“... um modelo de simulação entre outros, e que só tem por característica o fato de que permite efeitos de verdade, de objetividade, inauditos e desconhecidos aos outros modelos. Ele não é talvez um *equivoco*? Em qualquer caso, tudo o que se tramou e se colocou nessa ‘cena à italiana’ do social jamais teve importância profunda. As coisas, profundamente, jamais funcionaram de modo social, mas sim simbolicamente, magicamente, irracionalmente, etc.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 57)

Para o autor, as mesmas instituições que produzem o social também o destroem. Afinal, se elas constroem o social sedimentando-se (talvez evoluindo) sobre sociedades anteriores (simbólico). Paradoxalmente, segue que elas neutralizam a essência dessas sociedades em suas relações e seus contatos sociais, produzindo as massas. Segundo Baudrillard, esse processo atinge sua extensão máxima com os meios de comunicação de massa e a informação. No entanto:

“Mas, então, se o social é ao mesmo tempo destruído por aquele que o produz (os mídia, a informação) e reabsorvido pelo que produz (as massas), segue que a definição é nula, e que esse termo que serve de alibi universal para todos os discursos não analisa nada, não designa nada. Ele

não é somente supérfluo e inútil – em toda a parte que aparece esconde outra coisa: desafio, morte, sedução, ritual, repetição –, esconde que é abstração e resíduo, ou mesmo simplesmente *efeito* de social, simulação e miragem.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 56)

- **Funcionalidade** –

“... funcionalidade não qualifica de modo algum aquilo que se adapta a um fim, mas aquilo que se adapta a uma ordem ou a um sistema.”³

- **Valor/Signo** –

“... tanto a ‘função’ como a ‘racionalidade’ foram aos poucos mistificadas e a ‘função’, ao emancipar-se do objeto, adquiriu um valor por si, valor-signo, para posteriormente retomar ele objeto na condição de ‘exigência cultural’, exigência esta muitas vezes em choque com o verdadeiro desenvolvimento do homem em sua relação com a tecnologia.” (O Sistema dos Objetos. p. 220)

“A «funcionalização» de qualquer objecto constitui também uma abstracção coerente que se sobrepõe e substitui em toda a parte à respectiva função objectiva (a «funcionalidade» não é o valor de uso, mas valor/signo).”⁴

- **Sistema** –

Para entender a obra do autor, sistema deve ser entendido no sentido mais amplo do termo. Não se deve associá-lo com as diversas concepções e construções científicas que o termo carrega, nem supô-lo como relações/combinções de variáveis, aproximando-se da idéia de modelo. Afinal, modelo e realidade (combinação) são a base da crítica de Baudrillard para a construção do que o autor chamou de hiper-realidade.

- **Consumo** –

³ BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1989. Página 220. Nas citações que se seguem será dado apenas o número da página.

⁴ BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995. Página 89. Nas citações que se seguem será dado apenas o número da página.

“O consumo (ou, acrescento eu⁵: a imagem publicitária como ação) é encarado como prática idealista total, que nada mais teria a ver (além de um certo limiar), ‘nem com a satisfação de necessidades, nem com o princípio de realidade’.” (O Sistema dos Objetos. p. 225)

“A lógica do consumo – segundo vimos – define-se como manipulação de signos. Encontram-se ausentes os valores simbólicos de criação e a relação simbólica de interioridade. O objeto perde a finalidade objectiva e a respectiva função, tornando-se o termo de uma combinatória muito mais vasta de conjuntos de objectos, em que o seu valor é de relação. Por outro lado, desaparece o seu sentido simbólico e o seu estatuto antropomorfico milenário, tendendo a esgotar-se num discurso de conotações, também elas relativas umas às outras no quadro de um sistema cultural totalitário, isto é, seja qual for a respectiva origem.” (A Sociedade de Consumo. p.120)

- **Sociedade de Consumo –**

“A nossa época é a primeira em que tanto os gastos alimentares correntes como as despesas de «prestígio» se apelidam de «consumir», sucedendo assim com toda a gente, segundo um consenso total. A emergência histórica do *mito* do consumo no século XX é radicalmente diferente da do conceito técnico na reflexão ou na ciência económica, cujo uso tem origem anterior. Esta sistematização terminológica no uso corrente modifica a própria história: é sinal de nova realidade social. Para falar com propriedade, só existe consumo a partir do momento em que o termo «entrou nos costumes». Mistificante e impraticável na análise, «anticonceito», significa, no entanto, que se operou toda uma reestruturação ideológica dos valores. O facto de semelhante sociedade se viver como sociedade de consumo tem de constituir o ponto de partida de uma análise objectiva.”(A Sociedade de Consumo. p.208)

- **Informação –**

(a massa) “Ela é interrogada por ondas convergentes, por estímulos luminosos ou lingüísticos, exatamente como as estrelas distantes ou núcleos que são bombardeados com partículas num ciclotron. Isso é a informação. Não um modo de comunicação nem de sentido, mas um modo de emulsão incessante, *input-output* e de reações em cadeia dirigidas, exatamente como nas câmaras de simulação atômicas.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 25)

⁵ Zulmira Ribeiro TAVARES; Posfácio, *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1989

- **Sondagem e o Real –**

“Descobre-se que o verdadeiro e o falso são aqui inseparáveis – como igualmente acontece nas sondagens eleitorais, onde nunca se sabe se o voto real ratificará apenas as sondagens (deixando de ser acontecimento real e sugerindo unicamente como sucedâneo das sondagens que, de modelos de simulação *indiciosos*, se tornam agentes *determinantes* da realidade) ou se são antes as sondagens que reflectem a opinião pública. Dá-se nesse caso uma inextricável relação. Assim como a natureza imita a arte, também a vida quotidiana acaba por ser a réplica do modelo.” (A Sociedade de Consumo, p.135)

- **O Hiper-real –**

O hiper-real, segundo o autor, é:

“O espaço da simulação é o da confusão do real e do modelo.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 68)

“Curto-circuito fantástico: o real é hiper-realizado; nem realizado, nem idealizado: hiper-realizado. O hiper-real é a abolição do real não por destruição violenta, mas pela afirmação, elevação a potência do modelo, Antecipação, dissuasão, transfiguração preventiva, etc.: o modelo opera como esfera de absorção do real.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 68/69)

- **Sistemas Implosivos e Sistemas Explosivos –**

Para ambas as concepções, quando inserido o adjetivo “dirigidos”, dá-se a idéia de controle do processo: quando não, entender o contrário, ou seja, catastrófica.

Sistemas Implosivos Dirigidos –

“Configurações não-expansivas, não-centrífugas: centrípetas – pluralidades singulares que nunca visam o universal, centradas num processo cíclico, o ritual, e que tendem a involuir nesse processo não-representativo, sem instância superior, sem polaridade, disjuntiva, sem entretanto se arruínas a si mesma...” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p.49)

Sistemas Explosivos –

Esse se refere ao modelo de expansão ocidental adotado após a ruptura com a Idade Média, na concepção quanto ao “fim” das sociedades primitivas (talvez, início da modernidade), cujo autor especifica como a passagem do sistema de implosão dirigida para o da explosão:

“As sociedades primitivas vieram portanto de uma *implosão dirigida* – morreram quando deixaram de controlar esse processo, e oscilaram então para o da explosão (demográfica, ou excedentes de produção irreduzíveis, processo de expansão incontrolável, ou simplesmente quando a colonização as iniciou violentamente na norma expansiva e centrífuga dos sistemas ocidentais).” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 49)

- **Definição de Massa –**

“Querer especificar o termo massa é justamente um contra-senso – é procurar um sentido no que não o tem. Diz-se: ‘massa de trabalhadores’. Mas a massa nunca é de trabalhadores, nem de qualquer outro sujeito ou objeto social. As ‘massas camponesas’ de outrora não eram exatamente massas: só se comportam como massa aqueles que estão liberados de suas obrigações simbólicas, ‘anulados’(presos nas infinitas ‘redes’) e destinados a serem apenas o inumerável terminal dos mesmos modelos, que não chegam a integrá-los e que finalmente só os apresentam como resíduos estáticos. A massa é sem atributo, sem predicado, sem qualidade, sem referência. Aí está sua definição, ou sua indefinição radical. Ela não tem ‘realidade’ sociológica. Ela não tem nada a ver com alguma população *real*, com algum corpo, com algum agregado social específico. Qualquer tentativa de qualificá-la é somente um esforço para transferi-la para a sociologia e arranca-la dessa indistinção que não é sequer a da equivalência (soma ilimitada de indivíduos equivalentes: 1 + 1 + 1 + 1 – tal é a definição sociológica), mas a do *neutro*, isto é, *nem um nem outro (ne-uter)*.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 11/12)

- **Quatro Hipóteses para o Social –**

1º - Na realidade o social nunca existiu:

“Nunca houve ‘ligação’ social. Nunca nada funcionou socialmente. Nessa base inelutável de desafio, de sedução e de morte, sempre houve somente *simulação* do social e de ligação.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 59)

Portanto, apenas houve o simulacro do social, um espaço de referência e que atualmente começa uma *dissimulação* brutal do social:

“Na verdade é isso que assistimos hoje: à desagregação do pensamento social, ao definhamento e à involução do social, ao enfraquecimento do simulacro social, verdadeiro

desafio ao pensamento construtivo e produtivo do social que nos domina.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 59)

2º - O social realmente existiu, ele até existe cada vez mais, ele investe tudo, só há social:

“Vê-se assim o social crescer no decorrer da história como gestão ‘racional’ dos resíduos, e dentro em pouco *produção* racional de resíduos.

Em 1544 abriu-se o primeiro grande estabelecimento de pobres em Paris: vagabundos, dementes, doentes, todos aqueles que o grupo não integrou e deixou como sobras serão adotados sob o signo nascente do social. Este se expandirá às dimensões da assistência pública no século 20. À medida que se reforça a razão social, é a coletividade toda que logo se torna residual e, portanto, com uma espiral mais, é o social que se alarga, Quando a sobra atinge as dimensões da sociedade toda, tem-se uma socialização perfeita.⁴ Todo o mundo está perfeitamente excluído e adotado, perfeitamente designado e socializado.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 61)

Sendo assim, o “... *próprio social que é resíduo...*” e “... não se pode mais dizer que o social morre, *pois ele é desde sempre acumulação do morto.*” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 60/61)

“Mas o que acontece quando tudo está socializado? Então a máquina pára, a dinâmica se inverte, e é *o sistema social que se torna resíduo.* À medida que o social em sua progressão elimina todos os resíduos, ele próprio se torna residual. Ao colocar sob a rubrica ‘Sociedade’ as categorias residuais, *o próprio social se designa como resto.*” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 62)

Atualmente, o social se apresenta de:

“... forma degradada da socialidade lubrificante, assistencial, pacificamente e permissiva –, a forma mais baixa da energia social: a de uma utilidade ambiental, comportamental – essa é a nossa imagem do social – forma entrópica –, outra imagem de sua morte.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 63)

3º - O social realmente existiu, mas não existe mais.

“Ora, o social só existe num espaço perspectivo, morre no espaço de simulação, que é também um espaço de dissuasão.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 68)

Portanto, se o social se realiza no “real”, na sociabilidade dialética – a do Estado e da sociedade civil, do público e do privado, do social e do individual –, no racional do contrato e se o social é um “modelo” a ser aplicado, então o social se dissolve na hiper-realidade:

“Os signos da hiper-realidade do social estão em toda parte, os signos da repetição social e de sua realização antecipada. Em toda parte a transparência da relação social é afixada, significada, consumada. A história do social jamais teve tempo de levar à revolução: ela foi rapidamente tomada pelos signos do social e da revolução. O social nunca teve tempo de levar ao socialismo, ele teria sido curto-circuitado pelo hiper-social, pela hiper-realidade do social (mas talvez o socialismo não seja isso?).” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 69/70)

4º - A implosão do social nas massas.

Esta se assemelha à terceira hipótese, porém, conforme o autor coloca, sob outra forma – a de simulação, dissuasão e implosão com/no surgimento das massas, isto é, nas maiorias silenciosas.

Tese Central

A tese central é a quarta hipótese (A implosão do social nas massas), anteriormente citada.

Processo Histórico

Para Baudrillard, nem sempre as esferas do político, do social e do econômico estiveram tão juntas. O político na Renascença pertencia ao cenário das intrigas; sua utilização depende de virtuosismo e não de verdade, simbiose dos meios na desenvoltura com relação aos fins (Maquiavel). Não há sistemas de representação e:

“... nesse momento em que o político é um jogo e ainda não se deu uma razão.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 20)

Um segundo momento se dá a partir do século XVIII (com a Revolução), quando o político ganha uma referência social, ou o social se apodera dele. De instrumental que era de início, aparece como verdade, como representação – surge o povo e sua vontade. No entanto:

“Mas durante muito tempo ainda haverá um equilíbrio entre a esfera própria do político e as forças que nele se refletem: o social, o histórico e o econômico.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 20)

No final do século XIX uma mudança ríspida ocorre:

“É com o pensamento marxista em seus desenvolvimentos sucessivos que se inaugura o fim do político e de sua energia própria. Nesse momento começa a hegemonia definitiva do social e do econômico, e a coação, para o político, de ser o espelho, legislativo, institucional, executivo, do social. A autonomia do político é inversamente proporcional à crescente hegemonia do social.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 20/21)

Depois de dois séculos de socialização acelerada esfria-se a energia social e tem-se o surgimento das massas:

“O social triunfou... o político se volatilizou, mas em que o próprio social não tem mais nome. Anônimo. A MASSA. AS MASSAS.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 21)

Recentemente, fim do sistema político representativo nas massas:

“... a massa é ao mesmo tempo a morte, o fim desse processo político que supostamente a governa. Na massa o político se deteriora como vontade e representação.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 24)

Argumentação Empírica

Para o autor, as massas não podem ser alienadas, visto que nelas há a impossibilidade de circulação do sentido (não são mais sujeito), e nós (como indivíduos) nos comportamos mais como massa – aquém ou além do sentido – e somos apenas episodicamente condutores do

sentido, além de, nas maiorias silenciosas (massas) não haver mais a possibilidade da representação, apenas a simulação. Na tentativa de salvar a representatividade, os produtores de sentido utilizam-se das estatísticas e das sondagens que são capazes apenas de esboçar uma representação imaginária das massas, explica Baudrillard, simulando uma forma as mesmas. E, segundo o autor, a principal característica das massas está no seu silêncio, na sua indiferença; cuja função não reside em se calar, mas consiste em proibir que se fale por elas. Sendo assim, o autor, aponta para o fim da representação das massas, restando apenas as simulações.

Portanto, Baudrillard não está alertando para a crise do “real”, e sim para o hiper-real. Atualmente, segundo o autor, é o tempo fraco (o da banalidade, do cotidiano, do privado) que começa a se sobrepor ao tempo forte (o da história, o da política):

“Os papéis se invertem: é a banalidade da vida, a vida corrente, tudo o que se estigmatizara como pequeno-burguês, adjeto e apolítico (inclusive o sexo) que se torna o tempo forte; e é a história e o político que desenvolvem sua acontecimentalidade abstrata algures.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 35) (sic)

Para esta inversão segue um alerta:

“Mas atenção! Esse universo privado e a-social, que não entra numa dialética de representação e de ultrapassamento para o universal, dessa esfera involutiva que se opõe a toda revolução pelo alto e se recusa a jogar o jogo, alguns desejariam que se tratasse (em particular uma versão sexual e de desejo) de uma nova fonte de energia revolucionária, desejariam lhe dar sentido e o reconstituir como negatividade histórica em sua própria banalidade. Exaltação de microdesejos, de pequenas diferenças, de práticas cegas, de marginalidades anônimas. Último sobressalto dos intelectuais para exaltar a insignificância, para promover o não-sentido na ordem do sentido. E revertê-lo à razão política. A banalidade, a inércia, o apoliticismo eram fascistas, agora se tornam revolucionários – sem mudar o sentido, isto é, sem deixar de ter sentido. Micro-revolução da banalidade, transpolítica do desejo – mais um truque dos ‘libertadores’. A negação do sentido não tem sentido.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 36) (sic)

Mas na verdade o que aconteceu foi mais um efeito do antagonismo entre a classe despojada de sentido (de uma vingança da massa residual) e a outra, portadora da história, do político, do social e da cultura. Assim, a força da massa é atual, sem história:

“... as massas não têm história a escrever, nem passado, nem futuro, elas não têm energias virtuais para liberar, nem desejo a realizar: sua força é atual, toda ela está aqui, e é a do seu silêncio.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 10)

Este silêncio seria a resistência das massas ao social. Diferentemente dos grupos tradicionais que decodificariam as mensagens (anteriormente mencionado), as massas:

“... aceitam tudo e desviam tudo em bloco no espetacular, sem exigência de outro código, sem exigência de sentido, na realidade sem resistência, mas fazendo com que tudo passe para uma esfera indeterminada que não é nem mesmo a do não-sentido, mas a da fascinação/manipulação de todos os azimutes.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 38)

Fim do econômico e do social no valor/signo. Desta vez o social aparece como mercadoria a ser consumida:

“Que maior ironia pode haver do que nesta exigência do social como bem de consumo individual, submetido ao excesso da oferta e da procura?” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 41)

Aliás, o social é visto hoje como:

“... rede orbital, intersticial, nuclear, textural, de controle e de segurança, que nos investe de todas as partes e nos produz, a nós todos, como maioria silenciosa. Socialidade hiper-real, imperceptível, que não opera mais pela lei e pela repressão, mas pela infiltração de modelos, não pela violência, mas pela persuasão/dissuasão.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 43)

Segundo Baudrillard, o mesmo aconteceu com a técnica, com a ciência e com o saber. Transformado de valor de uso para valor/signo imaginário, o sentido foi abolido e a esfera do racional, da necessidade, da utilidade desaparece. Tudo é consumido, até o consumo.

Atualmente o sentido não se esgota pela falta de produção do mesmo, mas sim pela ausência da demanda. O sentido é produzido em toda parte, cada vez mais e é nas massas que ele se anula:

“O que lhes dá são mensagens, elas querem apenas signos, elas idolatram o jogo de signos e de estereótipos, idolatram todos os conteúdos desde que eles se transformem numa seqüência

espetacular. (...) que é em plena 'liberdade' que as massas opõem ao ultimato do sentido a sua recusa e sua vontade de espetáculo." (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 15)

Para o autor, o povo de outrora se converteu num público, esta é a grande mudança de nosso tempo. Uma maioria silenciosa cuja essência é a indiferença:

"As massas, elas não escolhem, não produzem diferenças, mas indiferenciação – elas mantêm a fascinação do meio, que preferem à exigência crítica da mensagem. Pois a fascinação não depende do sentido, ela é proporcional à insatisfação com o sentido. Obtém-se a fascinação ao neutralizar a mensagem em benefício do meio, ao neutralizar a idéia em proveito do ídolo, ao neutralizar a verdade em benefício do simulacro." (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 33)

Um fenômeno que está em relação (simultaneidade) com as massas e o fim do social é o terrorismo:

"... se poderia dizer que entre as massas e o terrorismo, entre esses dois não-pólos de um sistema não-representativo, também passa uma energia, mas uma energia inversa, energia não de acumulação social e de transformação, mas de dispersão do social, de absorção e anulação do político." (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 45)

"Todos os dois estão em outro lugar, numa ordem que não é nem de sentido nem de representação – talvez mítica, sem dúvida simulacro." (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 46)

O terrorismo de que o autor fala não deve ser confundido com o "banditismo" e com a ação de comando, portanto:

"O terrorismo atual, inaugurado com a tomada de reféns e o jogo adiado da morte, não tem objetivo (se ele pretende tê-los, são irrisórios ou inacessíveis, e, de qualquer maneira, é exatamente o método mais ineficaz de atingi-los) sem inimigo determinado." (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 46)

O terrorismo e as massas, pelas suas expressões míticas, assemelham-se à catástrofe natural, inaugurando o fim de todas as representações. Afinal, como nas catástrofes naturais, o

único referencial possível está na esfera da divindade, ambos constituem reflexos de um social, de uma política e de um sentido que não existem mais.

Nas maiorias silenciosas:

“... não há mais investidura política porque também não há mais referente social de definição clássica (um povo, uma classe, um proletariado, condições objetivas) para atribuir uma força a signos políticos eficazes. Simplesmente não há significado social para dar força a um signifiante político.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 21/22)

Assim, a esfera política e o poder sobrevivem de uma hipótese de credibilidade – as massas possuem uma opinião e estão presentes atrás das sondagens e das estatísticas – e que são manipuladas, enganadas e mistificadas. Sim, segundo o autor, as massas possuem um silêncio, mas:

“... esse silêncio é paradoxal – não é um silêncio que fala, é um silêncio *que proíbe que se fale em seu nome*. E, nesse sentido, longe de ser uma forma de alienação, é uma arma absoluta.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 23)

Portanto, a massa é o fim desse processo político que supostamente a governa, nunca houve manipulação, porque a massa é ao mesmo tempo um objeto e um sujeito de simulação, e também por que:

“A massa absorve toda a energia social, mas não a refrata mais. (...) Ela dá a todas as questões que lhe são postas uma resposta tautológica e circular. (...) Ela não tem verdade e nem razão. Embora lhe emprestem todas as palavras artificiais. Ela não tem consciência nem inconsciente.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 28)

“Todo mundo a interroga, mas nunca enquanto silêncio, sempre para fazê-la falar.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 29)

Finalizando:

“Mas constatamos que todos os poderes acabam por se arruinar silenciosamente nessa maioria silenciosa, que não é nem uma entidade nem uma realidade sociológica, mas a sombra

projetada pelo poder, seu abismo no vácuo, sua forma de absorção.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 41/42)

Implicações Futuras ou Prognóstico

O processo de advento das massas, associado ao jogo de signos e à destruição do sentido na fascinação, no espetacular, transformam e aniquilam todas as velhas concepções do poder, da cultura, do saber e do social. Nossa sociedade está prestes a pôr fim ao social sob a simulação do social. Já no campo político, Baudrillard esclarece que as massas despolitizadas não estariam aquém, mas além da política. O transpolítico das massas não estaria no campo da dialética de representação, ou seja, sem (ausência) alguém que fale em seu nome, porque sua força não está na negação e sim no silêncio.

Segundo o autor, tal processo conduzirá:

“Assim, antes mesmo que a economia política leve à sua superação dialética, à resolução de todas as necessidades e à organização ótima das coisas, antes que se tenha podido ver se havia algum fundamento em tudo isso, ela terá sido captada pela hiper-realidade da economia (a sobremultiplicação da produção, a precedência da produção da demanda sobre a das mercadorias, o cenário indefinido da crise).” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 70)

Quanto à revolução (explosivo-crítica), toda revolução de sentido se implodiria nas massas. Tal implosão é caracterizada por:

“Massas, meios de comunicação e terrorismo, em sua afinidade, triangular, descrevem o processo de implosão hoje dominante. Todo o processo é afetado por uma violência que somente começa, violência orbital e nuclear, de aspiração e fascinação, violência do vazio (a fascinação é a intensidade extrema do *neutro*). A implosão, para nós e hoje, só pode ser violenta e catastrófica, porque ela resulta do *fracasso* do sistema de explosão e de expansão dirigida que foi o nosso no Ocidente há alguns séculos.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 48/49)

“... assim nossas culturas começam a ser devastadas pela implosão por não terem sabido controlar e equilibrar o processo explosivo.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 50)

Portanto, todas as análises esboçadas pelo autor convergem-se ao mesmo ponto, o processo implosivo de nosso tempo. Este é o prognóstico decisivo e:

“A implosão é inelutável, e todos os esforços para salvar os princípios de realidade, de acumulação, de universalidade, os princípios de evolução que dependem dos sistemas em expansão são arcaicos, regressivos, nostálgicos. Inclusive todos aqueles que querem liberar as energias libidinais, as energias plurais, as intensidades fragmentárias, etc. (...) Mas nada trará o processo implosivo, e a única alternativa que resta é a de uma implosão violenta e catastrófica, ou de uma implosão lenta e progressiva.” (À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas, p. 50)

Considerações Finais

Como nossas análises concentram-se no evento que chamamos de “Advento das Massas”, acreditamos que ambos os autores concordam que tal processo efetivou-se no decorrer do século XX. Em Gasset, o homem-massa anseia ao pleno poderio social e suas críticas baseiam-se quanto à capacidade desse novo homem em continuar a civilização moderna e quanto à sua adesão à cultura. Aproximadamente meio século depois de Gasset, Baudrillard apresenta o fim do social na simulação do social, ou seja, fim do social no surgimento das massas (maiorias silenciosas). Sendo assim, entre as obras há um ponto culminante, um divisor de águas.

Como mencionado anteriormente, a preocupação de Gasset consiste em saber se há a possibilidade de mudar esse tipo de homem, homem que, pela perspectiva do social, Baudrillard acredita que sofreu tal transformação em 1968 e, utilizando-se da analogia do ponto de não retorno da “massa crítica” na explosão nuclear, o autor afirma que é muito tarde para voltar, o limite já teria sido transposto.

Segundo Gasset, uma das características do homem-massa é a completa ignorância quanto à História. Portanto, para atingir seu propósito, o autor analisa esse homem a partir da formação e da constituição das massas. Suas análises fundamentam-se em dois pilares: democracia liberal e a técnica. Se considerarmos a técnica como a base material para a formação das massas, temos a técnica experimental e o industrialismo do século XIX como princípio correlacionado a uma explosão demográfica e a tecnização do mundo, está conformado apenas no século XX. Se interpretada a democracia liberal como a base político/social de constituição das massas, compreende-se a mesma como uma organização de pensamentos teóricos que sustentaram a representatividade das massas. Diferentemente, Baudrillard parte da concepção que toda análise atual deva partir da “sociedade de consumo”, portanto suas análises não necessariamente discordam daquelas de Gasset, mas acreditamos que as complementam. Aliás, ambos concordam na superação da esfera representativa pelas massas, ou seja, as massas não são mais representadas.

Apesar de Gasset advertir para que não se faça compreender as massas dentro de um sentido exclusivamente político, o autor destaca a transição da democracia liberal para a

hiperdemocracia, ou seja, do sufrágio universal para a atuação direta das massas. Em Baudrillard temos as quatro fases da esfera política e suas relações com o social e o econômico. Primeira, o político como palco do jogo de poder na renascença; depois o político como referência representativa (século XVIII); já no final do século XIX o político sede para a hegemonia do social e do econômico e, por último, o fim do político e principalmente do social nas maiorias silenciosas.

Supomos que tanto a hiperdemocracia como as maiorias silenciosas apresentam um ponto de convergência – uma nova organização da sociedade, um momento ímpar da história: o advento das massas. Porém, encontramos nos autores algumas divergências (não contradições) quanto às evidências desse período. Gasset tem como fundamento que toda sociedade é aristocrática e Baudrillard acredita que as diferenças estão nos estamentos sociais, nas “castas”. O primeiro divide o mundo entre maiorias e minorias. o segundo propõe que a massa é um comportamento social, uma organização da “sociedade de consumo”. Portanto, para Baudrillard as massas seriam uma resposta ao antagonismo de classe: uma portadora da história, do político, do social, da cultura e a outra despojada do sentido. Assim, Baudrillard afirma que as massas não têm história a escrever, sua força está no aqui e agora, no silêncio, na indiferença, ou seja, o povo de outrora se tornou público. E, as principais características desse período consistem na superação da representação pela simulação, no hiper-real, na combinação do valor/signo, no espetáculo, na similaridade da massa com o terrorismo e no fim de um processo político que supostamente a governa; as massas não são nem uma entidade, nem uma realidade sociológica, apenas a sombra projetada do poder.

Gasset trabalha com evidências “mais palpáveis” e para ele o homem vulgar resolveu governar o mundo. A demonstração de tal evento parte da constatação do “cheio” (concentração de pessoas em lugares que antes eram freqüentados apenas pelas minorias) e do que tal fenômeno provoca, referindo-se a sua força transformadora até chegar à dissecação da personalidade desse novo homem que desponta no século XX, o homem-massa. Como características desse período o autor denuncia a homogeneidade de situações (impossibilidade prática de opções entre possibilidades), o politicismo integral, o direito à vulgaridade, o direito a não ter razão e a uma admiração recíproca entre o homem-massa e a ciência empírica. Para Gasset, o homem-massa não é um comportamento social, é o despontar na história de um novo tipo de homem; este com

uma personalidade ingrata, motivado por grandes apetites e por necessidades externas, de alma hermética, de uma ignorância histórica que permite a imposição de suas opiniões e caricaturada pelo autor como uma “criança mimada”, um “primitivo rebelde” e um “bárbaro moderno”, que vê a civilização como natureza.

Quanto ao futuro dessa nova organização, os dois autores acreditam numa ruptura drástica com o processo histórico em curso. Gasset admite um momento ímpar na história que poderá elevar-se para uma nova organização da humanidade ou conduzir a catástrofe do destino humano – o perigo de retroceder à barbárie. Em Baudrillard, as massas atuam pela força do silêncio e aniquilam todas as velhas concepções do poder, da cultura, do saber e do social.

Na lista sobre os riscos do advento das massas, Gasset destaca alguns aspectos relevantes para o período em questão: uma estagnação no campo científico devido à especialização; uma crescente falta de mando no mundo; conflitos inerentes à aproximação dos povos proporcionada pelas novas técnicas; uma crescente ameaça ao Estado (tendendo a esmagar as minorias); além de um maior poder do dinheiro. Já Baudrillard está convicto do inevitável processo de implosão em curso, seja ele violento e catastrófico ou lento e progressivo.

Concluindo, acreditamos que a compreensão desse novo tempo social⁶, promovido pelo advento das massas – mesmo que baseado em apenas os dois autores – ajuda-nos a entender e dialogar com as novas propostas inauguradas no/para o decorrer do século XXI, entre elas pode-se citar Michael HARD e Antônio NEGRI – “Império” especialmente a parte 4.3 – “A Multidão contra o Império”, e Milton SANTOS, através daquilo que ele chamou de “Período Popular da História”.

Especificamente para a Geografia, algumas idéias contidas nas obras analisadas contribuem à reflexão de temas de grande complexidade. No campo da Geopolítica, por exemplo, Gasset nos alerta sobre a concepção de Estado a partir da ótica do homem-massa e das conseqüências desta visão, além dos riscos inerentes quanto à aproximação dos povos proporcionadas pelas novas técnicas, atualmente reestruturadas e constituídas (reconstituídas) no Meio Científico-Técnico-Informacional. Outro exemplo de contribuição dos autores, neste caso Baudrillard, versaria sobre a organização sócio-espacial dos novos centros urbanos e das grandes metrópoles (principalmente das Cidades-Globais), tendo como ponto de partida para uma análise

⁶ Entendido como o alvorecer de uma época de exageros e conciliações de propostas antes antagônicas.

objetiva a constituição da Sociedade de Consumo e uma utilização do conceito de hiper-realidade na interpretação das paisagens nesses grandes centros.

Finalmente, Gasset: com o advento do homem-massa ao pleno poderio social e, Baudrillard: com a tese da implosão do social nas massas; estimulam a reflexão sobre a práxis da Geografia, que segundo Milton Santos, ainda percorre o espaço fragmentado dos geógrafos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo, Editora Perspectiva S.A, 1989.

_____. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa, Edições 70, 1995.

_____. *À Sombra das Maiorias Silenciosas; O Fim do Social e o Surgimento das Massas*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

GASSET, José Ortega Y. *A Rebelião das Massas*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1997.

HARD, Michael e NEGRI, Antônio. *Império*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

SANTOS, Milton. *Por Uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. *Por uma Outra Globalização: do Pensamento único à Consciência Universal*. Rio de Janeiro, Record, 2001.